

ITALO CALVINO

Os Amores Difíceis

*Vidas interiores complexas são exploradas
com brilhantismo nestes contos de amor
e solidão em que Calvino mistura ilusão e realidade.*



Italo Calvino
OS AMORES DIFÍCEIS

Contos

Tradução de
José Colaço Barreiros





Título: *Os Amores Difíceis*
Título original: *Gli amori difficili*
© 2002, The Estate of Italo Calvino
© 2019, Publicações Dom Quixote
Edição: Cecília Andrade
Tradução: José Colaço Barreiros

Capa: Maria Manuel Lacerda
Paginação: Leya, SA
Impressão e acabamento: Multitipo

1.ª edição nas Publicações Dom Quixote: janeiro de 2019
ISBN: 978-972-20-6641-9
Depósito legal n.º 449 401/18

Publicações Dom Quixote
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
www.dquixote.pt
www.leya.com

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Índice

<i>Apresentação</i>	9
---------------------------	---

OS AMORES DIFÍCEIS

A aventura de um soldado (1949)	23
A aventura de um bandido (1949)	35
A aventura de uma banhista (1951)	43
A aventura de um empregado (1953)	57
A aventura de um fotógrafo (1955)	69
A aventura de um viajante (1957)	85
A aventura de um leitor (1958)	103
A aventura de um míope (1958)	121
A aventura de uma mulher casada (1958)	133
A aventura de um casal (1958)	143
A aventura de um poeta (1958)	149
A aventura de um esquiador (1959)	157
A aventura de um automobilista (1967)	167

Apresentação

A primeira edição completa de *Os Amores Difíceis* saiu em junho de 1970 na editora Einaudi de Turim, primeiro e único volume de uma série da coleção «Gli struzzi» dedicada a «Os contos de Italo Calvino»¹. Para esta edição o autor escreveu uma nota introdutória anónima, aqui reproduzida quase integralmente (foram omitidas poucas linhas, contendo uma lista das «obras principais»).

1. O autor

O pai de Italo Calvino era um agrónomo de San Remo que viveu muitos anos no México e noutros países dos Trópicos;

¹ A Einaudi já tinha publicado em 1958 *I Racconti* de Italo Calvino num único volume que constava de quatro partes: a) *Gli Idilli Difficili*, englobando grande parte da série de contos que seria depois publicada sob o título *Ultimo Viene il Corvo*, bem como alguns textos de *Marcovaldo*, e o conto que viria a fazer parte desta coletânea, «A aventura de um bandido», e ali intitulado «Uma cama de passagem»; esta primeira parte teve edição portuguesa (*Os Idílios Difíceis*, trad. Fernanda Branco. Lisboa: Arcádia, 1964); b) A série (inédita em Portugal) *Le Memorie Difficili*, contos inspirados na sua experiência de resistente; c) *Gli Amori*

casou-se com uma assistente de Botânica da Universidade de Pavia, de família sarda, que o acompanhou nas suas viagens: o filho primogénito nasceu a 15 de outubro de 1923 num subúrbio de Havana, nas vésperas do definitivo regresso à pátria dos seus pais.

O futuro escritor passou quase ininterruptamente os primeiros vinte anos da sua vida em San Remo, na Villa Meridiana, que naquele tempo albergava a direção da Estação Experimental de Floricultura, e no campo familiar de San Giovanni Battista, onde o pai cultivava toranjas e abacates. Os pais, livres-pensadores, não deram educação religiosa aos filhos. Italo Calvino seguiu os estudos regulares em San Remo: escola infantil no St. George College, primária nas Escolas Valdesas, secundária no R. Ginásio-Liceu G. D. Cassini. Depois do curso liceal na área clássica, inscreveu-se na Faculdade de Agronomia da Universidade de Turim (onde o pai era professor, tendo a seu cargo a agricultura tropical), mas não passou dos primeiros exames.

Durante os vinte meses da ocupação alemã, passou pelas vicissitudes comuns aos jovens da sua idade renitentes ao recrutamento da fascista República Social Italiana, desenvolveu atividades conspirativas e de resistência, e durante alguns meses

Difficili, que porém não incluía quatro dos contos do presente volume; foi publicado em Portugal nessa primeira versão incompleta (*Os Amores Difíceis*, trad. Manuel Duarte, Lisboa: Arcádia, 1968); *d) La Vita Difficile*, que reúne os três romances curtos *A Formiga Argentina*, *A Especulação Imobiliária* numa versão reduzida e *A Nuvem de Smog*; em Portugal a editora Arcádia publicou-os divididos por dois volumes: um, contendo o segundo romance, teve o título *Os Oportunistas* (trad. Arnaldo Aboim, 1961); e o outro, juntando os dois textos restantes, que se intitulava *A Vida Difícil*, traduzido por Fernanda Branco, seria escolhido para iniciar a prestigiada coleção BAB — Biblioteca Arcádia de Bolso (1963). (*N. do T.*)

combateu com os *partisans* nas Brigadas «Garibaldi» na duríssima zona dos Alpes Marítimos, juntamente com o irmão de dezasseis anos. O pai e a mãe foram detidos pelos alemães como reféns durante alguns meses.

No período imediatamente a seguir à Libertação, Calvino desenvolve atividade política no Partido Comunista (a que aderiu durante a Resistência) na província de Imperia e entre os estudantes de Turim. No mesmo período começa a escrever contos inspirados na vida da guerrilha, e estabelece os seus primeiros contactos com ambientes culturais de Milão (o semanário de Elio Vittorini *Il Politecnico*) e de Turim (a editora Einaudi).

O primeiro conto que escreveu foi lido por Cesare Pavese, que o passa à revista que Carlo Muscetta dirige em Roma (*Aretusa*, dezembro de 1945). Entretanto Vittorini publica-lhe outro conto no *Politecnico* (em que Calvino colabora também com artigos sobre problemas sociais da Ligúria). Giansiro Ferrata pede-lhe mais contos para o *Unità* de Milão. Os diários naquela altura são de uma única folha, mas uns dias por semana começam a sair com quatro páginas; Calvino colabora também na terceira página do *Unità* de Génova (ganhando um prémio, *ex-aequo* com Marcello Venturi) e de Turim (que durante algum tempo conta entre os redatores Alfonso Gatto).

Entretanto o estudante mudou de faculdade: passou para Letras, na Universidade de Turim, inscrevendo-se — com as facilidades concedidas aos ex-combatentes — diretamente no terceiro ano. Em Turim vive numas águas-furtadas sem aquecimento: escreve contos e mal acaba algum vai dá-lo a ler a Natalia Ginzburg e a Cesare Pavese, que estão a repor de pé os escritórios das edições Einaudi. Para não o ter sempre à sua volta, Pavese aconselha-o a escrever um romance; e o mesmo

conselho recebe em Milão de Giansiro Ferrata, que está no júri de um concurso para um romance inédito, organizado pela editora Mondadori como primeira sondagem dos novos escritores do pós-guerra. O romance que Calvino terminou mesmo a tempo de cumprir o prazo de 31 de dezembro de 1946 (*O Atalho dos Ninhos de Aranha*) não agradará nem a Ferrata nem a Vittorini e não entrará no círculo dos vencedores (Milena Milani, Oreste Del Buono, Luigi Santucci). O autor dá-o a ler a Pavese, que, embora com reservas, o propõe a Giulio Einaudi. O editor turinês entusiasma-se com ele e lança-o, chegando inclusive a mandar afixar cartazes. Vendem-se seis mil exemplares: um discreto sucesso para aquela época.

No mesmo mês de novembro de 1947 em que sai o seu primeiro livro, obtém uma licenciatura em Letras com uma tese de literatura inglesa (sobre Joseph Conrad). Contudo, pode dizer-se que a sua formação se efetuou sobretudo fora das salas de aula universitárias, naqueles anos entre a Libertação e 1950, discutindo, descobrindo novos amigos e mestres, aceitando empregos precários e ocasionais, no clima de pobreza e de iniciativas febris daquele momento. Tinha começado a colaborar na Einaudi com funções publicitárias e de gabinete de imprensa, um trabalho que continuará a desempenhar nos anos seguintes como emprego estável.

O ambiente da editora turinesa, caracterizado pela preponderância dos historiadores e dos filósofos sobre os literatos e os escritores e pela contínua discussão entre os defensores de diferentes tendências políticas e ideológicas, foi fundamental para a formação do jovem Calvino: ele deu consigo a assimilar pouco a pouco a experiência de uma geração algo mais velha do que a sua, de homens que já havia dez ou quinze anos se moviam no mundo da cultura e do debate político, que haviam milita-

do na conspiração antifascista nas fileiras do Partido de Ação ou da Esquerda Cristã ou do Partido Comunista. Para ele contou muito (até pelo contraste com os seus horizontes arreligiosos) a amizade, o ascendente moral e a comunicação vital do filósofo católico Felice Balbo, que naquela época era militante do Partido Comunista.

Após uma experiência de cerca de um ano como redator da terceira página do *Unità* de Turim (1948-1949), Calvino compreendeu que não tinha os dotes do bom jornalista nem do político profissional. Continuou a colaborar no *Unità* esporadicamente durante mais alguns anos, com textos literários e sobretudo com inquéritos sindicais, reportagens de greves industriais e agrícolas e ocupações de fábricas. A ligação à prática da organização política e sindical (até como amizades pessoais com os camaradas da sua geração) ocupava-o mais do que o debate ideológico e cultural, e fazia-o superar as crises da condenação e do afastamento do Partido de amigos e de grupos intelectuais de que estivera próximo (Vittorini e *Il Politecnico* em 1947; Felice Balbo e *Cultura e Realtà* em 1950).

O que para ele continuava ainda a ser mais incerta era a vocação literária: após o primeiro romance publicado, durante anos tentou escrever outros dentro da mesma linha realista-social-picaresca, que eram desfeitos e deitados sem misericórdia para o cesto dos papéis pelos seus mestres e conselheiros. Farto destas laboriosas derrotas, abandonou-se à sua veia mais espontânea de efabulador e escreveu de um jato *Il Visconte Dimezzato* [editado em Portugal com o título *O Visconde Cortado ao Meio*]. Pensava publicá-lo nalguma revista e não em livro, para não dar demasiada importância a um simples «divertimento», mas Vittorini insistiu em fazer com ele um volumezinho dos seus «Gettoni». Entre os críticos houve uma unanimidade inespera-

da; saiu até um belo artigo de Emilio Cecchi, o que na altura significava a consagração (ou cooptação) do escritor na literatura italiana «oficial». Do lado comunista rebentou uma pequena polémica sobre o «realismo», mas não faltaram os autorizados consensos para equilibrar.

Desta afirmação partiu a produção do Calvino «fabulístico» (definição que no entanto já era corrente na crítica desde os tempos do seu primeiro romance) e ao mesmo tempo a de uma representação de experiências contemporâneas à maneira de um irónico stendhalismo. Vittorini, para definir estas alternâncias, cunhou a feliz fórmula de «realismo de carga fabulística» e «fábula de carga realista». Calvino tentava também teoricamente manter juntas as suas diversas componentes intelectuais e práticas: foi em Florença em 1955 que apresentou numa conferência a exposição mais orgânica do seu programa (*Il midollo del leone*, «Paragone», VI, n.º 66)¹.

Foi assim que ele conquistou o seu lugar na literatura italiana dos anos cinquenta, num ambiente já muito diferente do final dos anos quarenta, a que no entanto continuava a sentir-se idealmente ligado. A capital literária da Itália dos anos cinquenta era Roma, e Calvino, embora permanecendo declaradamente «turi-nês», passava agora uma grande parte do seu tempo em Roma.

Naqueles anos Giulio Einaudi encomendou-lhe o volume dos *Contos Populares Italianos* [ed. port.: *Fábulas e Contos*, em três volumes] da tradição popular, que Calvino selecionou e traduziu dos dialetos das coletâneas folclorísticas do século XIX, editadas e inéditas. Um trabalho também erudito (na pesquisa, na introdução e nas notas) que despertou nele a paixão pelos estu-

¹ Edição portuguesa: «A medula do leão», in I. Calvino, *Ponto Final. Escritos sobre Literatura e Sociedade*, trad. José Colaço Barreiros, Lisboa: Teorema, 2003, pp. 17-34. (N. do T.)

dos de novelística comparada, território de fronteira entre as mitologias primitivas, a épica popular medieval e a filologia oitocentista.

Outro dos seus pólos de interesse constantes: o século XVIII. A cultura iluminista e jacobina era o cavalo de batalha dos historiadores no meio dos quais vivia no seu trabalho editorial quotidiano: de Franco Venturi aos mais jovens e ao mestre destes, Cantimori; além disso, as suas raízes pessoais, de descendente de pedreiros-livres, faziam-no encontrar no mundo ideológico setecentista um ar bastante familiar. Portanto é natural que o mais extenso romance (ou paródia de romance) que Calvino escreveu seja uma transfiguração de mitos pessoais e contemporâneos em alegorias setecentistas (*Il Barone Rampante*, 1957) [trad. port.: *O Barão Trepador*], onde o autor parece até propor (sob a forma de caricatura mas certamente também acreditando) um modelo de comportamento intelectual em relação ao empenho político.

Entretanto amadureciam os tempos das grandes discussões políticas que viriam abalar o aparente monolitismo do mundo comunista. Em 1954-1955, num clima quase de trégua nas lutas de tendências dos intelectuais comunistas italianos, Calvino colaborou assiduamente no semanário romano *Il Contemporaneo* de Salinari e Trombadori. No mesmo período, para ele contaram grandemente as discussões com os hegelomarxistas milaneses Cesare Cases e sobretudo Renato Solmi, e por trás deles Franco Fortini, que foi e será para Calvino o implacável interlocutor antitético. Empenhado nas lutas internas do Partido Comunista de 1956, Calvino (que de resto colaborava na pequena revista romana *Città Aperta*) demitiu-se do Partido em 1957. Durante algum tempo (1958-1959) participou no debate por uma nova esquerda socialista e colaborou na revis-

ta de Antonio Giolitti *Passato e Presente* e no semanário *Italia Domani*.

Em 1959 Vittorini iniciou a publicação de uma série de cadernos de textos e de crítica («Il Menabò») com o objetivo de renovar o ambiente literário italiano, e quis que o nome de Calvino viesse ao lado do seu como codiretor. No «Menabò» publicou alguns ensaios tentando fazer o ponto sobre a situação literária internacional: *Il Mare dell'Oggettività* («Il Menabò 2», 1959), *La Sfida al Labirinto* («Il Menabò 5», 1962), e também uma tentativa de traçar um mapa ideológico geral: *L'Antitesi Operaia* («Il Menabò 7», 1964)¹. Mas poderá dizer-se que a preocupação de ter em conta todas as componentes históricas e ideológicas de cada fenómeno conduz Calvino a um impasse: e talvez seja por isso que as suas intervenções ensaísticas, as suas tomadas de posição críticas e em geral as suas colaborações em jornais e revistas se vão tornando cada vez mais raras.

Nos últimos anos tem feito longas estadas no estrangeiro (já em 1959-1960 tinha passado seis meses em Nova Iorque e nos Estados Unidos). Em 1964 casa-se; a sua mulher é argentina, de origem russa, tradutora de inglês, e mora em Paris. Em 1965 tem uma filha.

Os seus livros mais recentes testemunham um retorno a uma sua paixão juvenil: as teorias astronómicas e cosmológicas que utiliza para construir um repertório de modernos «mitos das origens», tendo por modelo o tipo dos das tribos primitivas. É neste sentido significativa a homenagem que ele presta a um escritor paradoxalmente enciclopédico como Raymond Queneau,

¹ Estes três artigos encontram-se publicados em Portugal, todos na coletânea de ensaios de Calvino *Ponto Final*, cit., respetivamente: «O mar da objetividade» (pp. 59-66), «O desafio ao labirinto» (pp. 109-126) e «A antítese operária» (pp. 130-145). (*N. do T.*)

traduzindo o seu romance *Les Fleurs Bleues*. Dentro do mesmo espírito, e apoiando-se nos recentes estudos russos e franceses de «semiologia do conto», projeta, por meio de um baralho de cartas de tarô, um sistema combinatório das histórias e dos destinos humanos. No centro de todos estes interesses (e em prolongamento ideal do século XVIII de *O Barão Trepador*) encontra-se a obra do utopista Fourier, de quem Calvino está a preparar uma vasta coletânea.

2. *A obra*

Os Amores Difíceis é o título com que o autor reuniu (pela primeira vez em 1958 no seu volume *I racconti*) esta série de novelas. Definição irónica, claro, porque, onde de amor — ou de amores — se trate, logo as dificuldades se tornam muito relativas. Ou, pelo menos, o que está na base de muitas destas histórias é uma dificuldade de comunicação, uma zona de silêncio no fundo das relações humanas: na muda manobra que um soldado no comboio empreende sobre uma impassível matrona, as sucessivas etapas inesperadas de uma sedução parecem ora vitórias gigantescas e irreversíveis ora precárias ilusões a que falta qualquer confirmação; na manhã que se segue a uma imprevista aventura amorosa, um homem retorna com o seu segredo à cinzentez da sua vida de empregado de escritório, e enquanto tenta envolver com a sua felicidade as palavras e os gestos do dia a dia sente que toda a indizível experiência já está perdida.

Em 1964 estes contos foram traduzidos em francês num volume intitulado *Aventures*. Esta definição de «aventura» recorrente nos títulos de cada texto também é irónica: se calha

a propósito para as primeiras peças da série (incluindo a desventura da senhora que perde o *slip* nadando ao largo de uma praia apinhada de gente, num dos contos de mais elaborada feitura, que foi definido como um «estudo de nu pequeno-burguês»), na maior parte dos casos indica apenas um movimento interior, a história de um estado de espírito, um itinerário para o silêncio.

Diga-se que para Calvino este núcleo de silêncio não é só um passivo inevitável em todas as relações humanas: encerra mesmo um valor precioso, absoluto. «E no coração deste sol estava o silêncio», diz-se em «A aventura de um poeta», um conto em que a escrita, enquanto evoca imagens de beleza e de felicidade, é rarefeita, lacónica e pausada, e assim que tem de dizer a dureza da vida torna-se minuciosa, copiosa, densíssima.

Se estas, na sua maioria, são histórias de como um casal não se encontra, no seu desencontrar-se o autor parece fazer consistir não só uma razão de desespero mas sempre um elemento fundamental — senão até a própria essência — da relação amorosa: no termo de uma viagem para ir ter com a amante, um homem compreende que a verdadeira noite de amor é a que passou num incómodo compartimento de segunda classe ao correr para junto dela. E não é por acaso que um dos poucos contos matrimoniais fala de um casal de noivos que trabalham numa fábrica, ele no turno da noite e ela de dia. Talvez o título que melhor poderá definir o que estes contos têm em comum seja *Amor e Ausência*.

São todos — ou quase — contos dos «anos cinquenta», não só pela data de elaboração mas também porque correspondem ao clima dominante na literatura italiana entre 1950 e 1960, anos em que muitos poetas e romancistas se viram para o recu-

perar de formas de expressão oitocentistas¹. Calvino pertence ainda às gerações que tiveram tempo de incluir todo o Maupassant e todo o Tchekov nas suas leituras juvenis: é neste ideal de perfeição da composição narrativa «menor», juntamente com um ideal de «*humour*» como ironia para com o mesmo (com que Svevo talvez tenha algo a ver), que se situa a poética de *Os Amores Difíceis*.

Mas até quando parece revisitar a novela oitocentista, para Calvino, o que conta é uma conceção geométrica, um jogo combinatório, uma estrutura de simetrias e oposições, um tabuleiro de xadrez em que as casas pretas e as casas brancas trocam de lugares segundo um mecanismo simplicíssimo: como pôr ou tirar os óculos em «A aventura de um míope»².

Temos de concluir que, se a novela para o escritor oitocentista era uma «fatia de vida», para o escritor de hoje é antes de mais nada página escrita, um mundo em que atuam forças de uma ordem autónoma? (Um mundo que o herói de «A aventura de um leitor» pode considerar mais *verdadeiro* do que aquele que se lhe oferece na experiência empírica de um encontro amoroso à beira-mar?) Digamos antes que ao construir uma

¹ Para dizer a verdade, não Calvino, que naquela época escrevia *Il Visconte Dimezzato, Il Barone Rampante, Il Cavaliere Inesistente*, e nas suas declarações teóricas fazia referência quando muito aos ambientes setecentistas ou aos romances de cavalaria ou aos contos populares a fim de projetar para o futuro a energia guerrilheira que continuava a trazer no coração. Mas o seu trabalho procede sempre sobre linhas divergentes, respondendo a solicitações diferentes que se justapõem em vez de se anularem.

² Assim funcionavam já os vaivéns no quarto de uma prostituta no conto «Uma cama de passagem», que estilisticamente pertence ainda ao primeiro Calvino «hemingwayano» (mas que em homenagem a esta unidade temática é aqui integrado em *Os Amores Difíceis* com o título «A aventura de um bandido»); e assim funcionarão as perseguições na autoestrada num conto dos mais recentes, «O condutor noturno» (posto aqui a encerrar a série com o título «A aventura de um automobilista»). Além destas duas «transferências», *Os Amores Difíceis* enriquecem-se nesta edição com duas peças inéditas em volume, «A aventura de um esquiador», de 1959, e «A aventura de um fotógrafo», que é a «novelização» (como quem diz «dramatização») de um artigo ensaístico («A loucura da mira», *Il Contemporaneo*, Roma, 30 de abril de 1955).

novela (ou seja, ao estabelecer um modelo de relações entre funções narrativas), o escritor põe em evidência o procedimento lógico que serve aos homens para estabelecerem relações até entre os factos da experiência¹.

¹ «A aventura de um soldado» inspirou um *sketch* cinematográfico dirigido e interpretado por Nino Manfredi; «A aventura de um bandido», um *sketch* teatral (*Un Letto di Passaggio*) encenado por Franco Zeffirelli; «A aventura de um casal», por sua vez, deu origem em 1958 a *Canzone Triste*, uma canção musicada por Sergio Liberovici e gravada na voz de Margot, incluída no projeto «Cantacronache», de renovação da canção italiana, que associou numa profícua colaboração cantores e compositores populares com poetas como Franco Fortini e Gianni Rodari, bem como em 1962 o episódio cinematográfico de Mario Monicelli *Renzo e Luciana*, incluído no filme *Boccaccio '70*. (N. do T.)